

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ
ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO
CURSO DE BACHARELADO EM TURISMO**

VICTÓRIA COSTA VIEIRA

**TURISMO PEDAGÓGICO NA TERCEIRA INFÂNCIA A PARTIR DE ROTEIROS
DE VISITAS AO MUSEU AMAZÔNICO - UFAM**

MANAUS-AM

2024

VICTÓRIA COSTA VIEIRA

**TURISMO PEDAGÓGICO NA TERCEIRA INFÂNCIA A PARTIR DE ROTEIROS
DE VISITAS AO MUSEU AMAZÔNICO - UFAM**

Artigo solicitado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Turismo pela Escola Superior de Artes e Turismo da Universidade do Estado do Amazonas.

Orientação: Profa. Dra. Ma. do P. Socorro Nóbrega Ribeiro.

MANAUS-AM

2024

VICTÓRIA COSTA VIEIRA

TURISMO PEDAGÓGICO COMO PRÁTICA PARA O FORTALECIMENTO DO PERTENCIMENTO DA

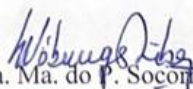
**TURISMO PEDAGÓGICO NA TERCEIRA INFÂNCIA A PARTIR DE ROTEIROS
DE VISITAS AO MUSEU AMAZÔNICO - UFAM**

Artigo apresentado, avaliado e aprovado pela Comissão Examinadora e referendado pelo Colegiado do Curso de Turismo da Universidade do Estado do Amazonas como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Turismo.

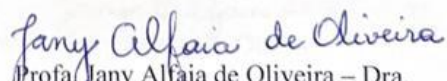
Manaus (AM), 17 de julho de 2024.

Comissão Examinadora:

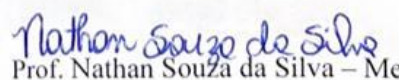
Presidente:


Prof. Ma. do P. Socorro Nóbrega Ribeiro – Dra.
Orientador

Membro 2:


Prof. Jany Alfaia de Oliveira – Dra.
ESAT/UEA

Membro 3:


Prof. Nathan Souza da Silva – Me
UAB/UEA

TURISMO PEDAGÓGICO NA TERCEIRA INFÂNCIA A PARTIR DE ROTEIROS DE VISITAS AO MUSEU AMAZÔNICO - UFAM

PEDAGOGICAL TOURISM IN EARLY CHILDHOOD BY VISITING TOUR AT THE MUSEU AMAZÔNICO - UFAM

Victória Costa Vieira¹
Ma. do P. Socorro N. Ribeiro²

RESUMO

O presente trabalho surge para somar o arcabouço teórico sobre um tema relevante no contexto atual onde uma equipe interdisciplinar busca diferentes metodologias aplicadas que contribuem para o processo ensino-aprendizagem, seja em sala de aula ou além dela. Com objetivo de verificar a existência do roteiro turístico para crianças no Plano de Desenvolvimento Institucional do Museu Amazônico - UFAM a fim de responder qual a contribuição do turismo pedagógico para a aprendizagem de estudantes da terceira infância que frequentam museus, a metodologia adotada foi método dedutivo, qualitativo, sendo necessário coleta de dados através de entrevistas presenciais semiestruturadas com a responsável pelo departamento de Difusão da Cultura na instituição museal. Através dos resultados obtidos, verificou-se a não inserção de práticas específicas para a terceira idade no roteiro turístico dentro do Museu Amazônico, entretanto, metodologias e recursos lúdicos são utilizados durante as visitas pedagógicas para criar uma experiência inesquecível para as crianças das escolas que o visitam.

Palavras-chave: Roteiro turístico; educação museal; crianças; metodologias aplicadas

ABSTRACT

The present work appears to add the theoretical framework on a relevant topic in the current context where an interdisciplinary team seeks different applied methodologies that contribute to the teaching-learning process, whether in the classroom or beyond. With the objective of verifying the existence of the tourist itinerary for children in the Institutional Development Plan of the Museum Amazônico - UFAM in order to answer the contribution of pedagogical tourism to the learning of third childhood students who attend museums, the methodology adopted was a deductive method, qualitative, requiring data collection through semi structured face-to-face interviews with the person responsible for the Cultural Diffusion department at the museum institution. Through the results obtained, it was verified that specific practices for the elderly were not included in the tourist itinerary within the Amazon Museum, however, methodologies and playful resources are used during the pedagogical visits to create an unforgettable experience for the children of the schools that the visit.

Keywords: sightseeing tour; museum education; children; methodology applied

¹ Acadêmica Pré-formanda do Curso de Bacharel em Turismo - ESAT/UEA. Artigo apresentado em julho de 2024 como Trabalho de Conclusão de Curso.

² Profa. Dra. orientadora do Curso de Bacharelado em Turismo pela ESAT/UEA.

1 INTRODUÇÃO

A título de introdução, o artigo define turismo como um movimento cultural e social, consolidado pelo deslocamento do viajante do ambiente de moradia a diferentes lugares de visitação. Este deslocamento é uma forma expressiva para obtenção de novos conhecimentos, nesse sentido, quando agregamos os saberes naturais com os adquirimos nesta relação podemos afirmar que tais atividades se assemelham ao aprendizado gerado no ambiente escolar.

Se considerarmos a diversidade e o crescimento do setor turismo das três últimas décadas e a amplitude de suas ofertas lançaremos luzes sobre os novos nichos de aprendizagens como recreação e lazer agregados às características do Turismo Pedagógico imbricado ao Turismo Cultural.

A aprendizagem a partir do turismo pedagógico resulta de visitas organizadas com determinado fim cujo objetivo é de prover o conhecimento prático a partir do teórico adquirido no contínuo da vida, seja na ou fora da estrutura escolar. Para além da aula-passeio, existe a possibilidade de visitar lugares, afetos e histórias, o que constitui o grande potencial pedagógico do turismo.

Neste caso, não se trata apenas de visitar lugares reconhecidamente turísticos mas, pensar a partir do cotidiano de estudantes e professores, a prática de exercícios que moldem as vivências de ambos na escola, no lugar de moradia ou em ambientes públicos.

Centrado na linha Educação Museal, o tema discute a prática do Turismo Pedagógico como método de aprendizagem a partir de roteiros de visitas disponibilizados pelos museus à estudantes entre sete e onze anos.

A justificativa do tema faz referência ao aprendizado adquirido nos últimos anos, tanto no ambiente de sala de aula quanto na experiência como pesquisadora bolsista da FAPEAM entre 2021 e 2022 com a pesquisa intitulada TURISMO PEDAGÓGICO E INTERATIVIDADE: da formação de crianças pequenas à imersão de saberes. Logo, concluir esta pesquisa significa termos subsídios para publicação de textos científicos ou ainda subsidiar novas pesquisas relacionadas ao tema, propiciando interação entre história, cultura e turismo, categorias entrelaçadas ao tema.

A formulação do problema surgiu a partir de observações de fenômenos no campo investigativo e na crença de que não existe turismo sem cultura. O fato de produzir conhecimento a partir de visitas programadas, surgiu de observações das práticas criativas de

crianças que narravam suas experiências cotidianas no decorrer do PAIC, logo associei a produção de conhecimento aos princípios do turismo pedagógico associado à visita aos museus de Manaus. portanto, investir no aprendizado de estudantes da terceira infância tendo como referência a visita aos museus ensejou na seguinte questão: **os roteiros de visitas programados pelo Museu Amazônico (UFAM) contribuem para a aprendizagem de estudantes entre sete e onze anos?**

Quanto aos objetivos:

a) **Geral:** Analisar o roteiro turístico do Museu Amazônico (UFAM) e a contribuição para a aprendizagem de estudantes com faixa etária entre sete a onze anos.

b) Específicos

1. Definir roteiro turístico como prática escolar realizada em museus;
2. Conhecer o roteiro de visita do museu supracitado;
3. Citar a contribuição das visitas propostas pelo referido museu.

No referencial teórico utilizamos fontes primárias e secundárias para consolidar as categorias a serem discutidas tais como: documentos da Organização Mundial do Turismo (1999; 2009; 2012), Cunha (2000), Troccoli (2024), entre outros.

No processo metodológico trabalhamos com Prodanov e Freitas (2013), Triviños (1987) e Minayo (2009), na linha da pesquisa qualitativa, de natureza básica, exploratória descritiva

Nas considerações finais apresentamos o turismo pedagógico como método de aprendizagem, enfatizando a importância dos museus no ensino de crianças de sete a onze anos. A pesquisa destacou a necessidade de metodologias específicas para diferentes públicos e sugeriu estratégias para melhorar a experiência educativa dos visitantes. O trabalho contribui significativamente para o campo do turismo pedagógico e abre caminhos para futuras pesquisas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DE TURISMO E ROTEIRO DE VISITAÇÃO

A atividade turística é um fenômeno de difícil definição, demarcar suas fronteiras é de demasiada complexidade. É possível afirmar que a atividade turística estabelece uma relação com diversas áreas científicas e dispõe de várias motivações para acontecer. Netto e Trigo (2010) *apud* Mota (2020, p. 5) apontam o turismo como um campo de estudo de várias

disciplinas e não como uma disciplina propriamente dita, nem como ciência, apesar de ser estudado com rigor científico.

A atividade turística interage com disciplinas distintas que formam um conjunto de múltiplas especialidades no âmbito da história, geografia, economia, sociologia, antropologia e direito entre outras que subscrevem o fenômeno turístico e a interdisciplinaridade própria do comportamento social o que justifica a abordagem holística do turismo.

Com relação às fontes primárias utilizadas neste texto temos: Cunha (2000), Troccoli (2024), Trigo (2003), documentos da Organização Mundial do Turismo (2012), entre outros contribuíram substancialmente, assim como.

A Organização Mundial de Turismo (OMT), antiga União Internacional de Organizações Oficiais de Viagens (IUOTO), foi criada em 1925 como uma organização internacional não governamental que reunia associações privadas e governamentais de turismo. Em 2003, tornou-se uma agência especializada das Nações Unidas. Sua missão consiste em promover o turismo sustentável, responsável e universalmente acessível como indutor do desenvolvimento inclusivo.

Coutinho & Seabra (2016) consideram o órgão intergovernamental de maior expressividade mundial relacionado à área, a OMT (2012) foi pioneira no estabelecimento de um conjunto de definições de uso geral no campo do turismo. Com base nas definições e diretrizes, inúmeros outros órgãos puderam contabilizar o turismo como atividade que democratiza e propicia o acesso a todos os segmentos populacionais, contribuindo para a elevação do bem-estar geral.

Nesse sentido, as ações da OMT:

são direcionadas para a geração de conhecimento sobre o mercado de turismo, a promoção de políticas e instrumentos de apoio ao turismo, o incentivo à educação e à formação bem como a oferta de capacitações e assistência técnica. A Organização também contribui para disseminar o Código de Ética Mundial para o Turismo com o intuito de maximizar a contribuição socioeconômica do turismo e minimizar possíveis impactos negativos (OMT e Sebrae, 2012).

Historicamente, a conceituação do turismo passou por avanços entre 1994 e 1999, entretanto, para Troccoli (2024), “há uma ausência de definições conceituais claras que determinem a atividade turística que distingam de outros setores” (Troccoli, 2024 *apud* OMT, 2001, p.35). Em uma definição concebida pela OMT (1999) tem-se o turismo como: "atividade realizada pelas pessoas com viagens e estadias em lugares diferentes de seu entorno habitual por um período de tempo consecutivo inferior a um ano, tendo em vista lazer, negócios e outros

motivos não relacionados ao exercício de uma atividade remunerada no lugar visitado" (ONU/OMT, 1999, p. 5).

Na visão contemporânea de Costa (2005), o turismo conecta-se a um conjunto de três fatos estabelecidos entre os séculos XVIII e XX. Primeiramente com a realização dos Grand Tours, ou seja, uma viagem com jovens de famílias nobres e burguesas que se deslocavam para além do seus destinos de origem, com o objetivo de conhecer outros povos e culturas, o que proporciona a eles, um arcabouço cultural que lhes serviria como base para seus deveres como futuros líderes.

Posteriormente, com a criação do primeiro pacote turístico idealizado por Thomas Cook, descrito como um dos primeiros agentes de viagens do mundo, em meados do século XIX, considerado o "pai do turismo". E por último, tem-se como fator relevante o fenômeno do turismo de massas, com sua origem datada na década de 50 e sendo altamente desenvolvido entre as décadas de 60 e 70, derivado do desenvolvimento da aviação comercial bem como da aviação da operação Charter.

Entretanto, o que de fato projetou o desenvolvimento do turismo como modelo internacionalmente conhecido atualmente foi o desenvolvimento industrial e as inovações tecnológicas.

Alexandre & Neto (2007, p. 03) asseguram que "O turismo organizado surge a partir de meados do século XIX, como consequência do desenvolvimento tecnológico iniciado pela Revolução Industrial e da formação de parcelas da burguesia comercial e industrial com tempo, dinheiro e disponibilidade para viajar.

Com a revolução industrial e a prática da globalização, cresce exponencialmente o conhecimento sobre o turismo com novas descobertas, um turismo capaz de suprir as necessidades dessa nova sociedade, conseqüentemente a investigação no âmbito turístico se torna diversa e, para atender a multiplicidade do mercado, surgem exigências de estudo de imagem e de posicionamento dos destinos turísticos (Rial, Varela e García, 2008).

Santesmases (1999) *apud* Lopes; Maia; Boubeta (2010, p. 53), define-a como sendo um processo de segmentação do mercado em subgrupos homogêneos com o fim de materializar uma estratégia comercial diferenciada para cada um desses subgrupos, permitindo assim a satisfação de maneira mais eficaz às necessidades do turista. Os processos de segmentação de mercado turístico defendidos por diversos autores, são a ideia desse processo ser dividido em duas fases: a fase posteriori (*post hoc*), baseando-se nas referências dos consumidores, em detrimento da forma tradicional da forma de segmentação (Lopes; Maia; Boubeta, 2010)

No que se refere às operações e atividades do turismo, podemos afirmar que esta segmentação encontra aporte no conceito de turismo pedagógico, porquanto propicia a aproximação do indivíduo visitante com os fatos e fenômenos do cotidiano visitado, como explica Moesch (2022, p. 09): Há, “[...] uma combinação complexa de inter-relacionamentos [...] em cuja composição integram-se uma prática social com base natural, com herança histórica, a um meio ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, trocas de informações”.

Assim, o turismo corresponde a uma atividade essencialmente de deslocamento onde os participantes têm a liberdade de explorar novos lugares e experienciar diversas vivências. Conseqüentemente, quando associamos a prática do turismo ao processo de aprendizado, entra em cena o turismo pedagógico como metodologia que promove conhecimento por meio de atividades práticas, essenciais nos programas de passeios e viagens (Vinha, 2005, p.15).

2.2 ROTEIRO DE VISITAÇÃO EM MUSEUS E AS TROCAS DE SABERES

Nos dias atuais os espaços educativos se ampliaram e não há mais como pensar que a educação formal é a única responsável pelo processo educacional. Os elementos oferecidos pela escola e a sala de aula já não são suficientes para formar sujeito de posição social, pensante, crítico, participativo e transformador.

A LDB nº 9.394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996), considera a possibilidade de outras formas e espaços de educação. No artigo 1º, a LDB aponta uma interpretação de como deve ser o processo educacional do sujeito em diferentes espaços tanto formais como informais: "A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais (p.1).

No texto transcrito da LDB observa-se que os seus autores sinalizam para a importância dos espaços informais nos processos formativos das pessoas. Sendo assim, a escola deve buscar e garantir maneiras de dialogar pedagogicamente com esses diferentes espaços de educação, como o formal e o informal. Somente dessa forma, o sujeito poderá construir e significar o conhecimento.

Souza (2017) afirma que existem diversos espaços envolvidos neste processo. O processo de ensino-aprendizagem pode ser realizado em espaços não formais e contar com atividades didático-pedagógicas como aulas práticas do tipo: saídas a campo como museus,

feiras de ciências, lugares históricos e patrimoniais por exemplo, os quais podem propiciar uma aprendizagem significativa contribuindo para um ganho cognitivo.

É importante para a aprendizagem das crianças estabelecer uma relação pedagógica com os espaços de educação não formal e que priorize os aspectos ligados ao ensino e a aprendizagem. Para isso, é imprescindível que ambos os espaços compartilhem suas informações pedagógicas no desejo de integrar e complementar os saberes difundidos na escola e nos espaços não formais, como afirma (Souza, 2017).

Vale destacar que as dimensões temporais e espaciais são, sem dúvida, extremamente importantes no espaço escolar e fora dele, entretanto, a forma de relação do estudante com diferentes elementos, nesses espaços que transpõem a sala de aulas, é bastante diferenciada e determina maneiras díspares de apropriação do discurso apresentado.

Convém destacar que a liberdade de escolha do visitante quanto aos percursos a seguir, ou seja:

... ao que ler, ao como ler, ao que olhar, ao como olhar, ao tocar e ao que tocar (quando é dada essa opção), à forma de organização das leituras, à reconstituição pessoal das narrativas propostas, ao tempo dedicado a cada elemento ou parte da exposição, à escolha de trocar ou comentar as informações oferecidas com outros visitantes levam, entre outros elementos, ao estabelecimento de uma relação espaço-temporal bastante diferenciada entre o público no museu e na escola (Marandino, 2004, p. 104).

O controle sobre as implicações do domínio, ou não, de conhecimentos também é muito distinto se compararmos esses dois locais. E, nesse sentido, existe uma relação diferenciada desses públicos com o conhecimento apresentado nesses locais.

Por fim, a "interdisciplinaridade" também deve ser incentivada e utilizada para criar conexões com a realidade dos visitantes, superando qualquer limitação no relacionamento com os museus, suas temáticas e seus acervos, além de colaborar para a construção de um museu sem muros, sem limitações e que se apresente como um centro vivo para a sociedade. Afinal, um museu não é mera ilustração do aprendido, mas um ator dinâmico no ensino e pode ser ativado de diferentes maneiras, apresentando propostas interdisciplinares e discussões transversais à sua temática.

2.2.1 Saberes e diálogos do turismo pedagógico na formação da consciência cidadã

O turismo pedagógico é um dos segmentos do turismo, mas não está entre os segmentos de oferta turística priorizados pelo Ministério do Turismo (MTur). O turismo no contexto pedagógico, desenvolve a construção da 'consciência cidadã', através do contato com os patrimônios históricos, culturais, ambientais, na concepção dos interesses turísticos como indutor da economia e no papel de preservação e valorização desses patrimônios (Silva, 2015, p. 22).

Os estudos relacionados ao turismo pedagógico, ainda são recentes na academia, embora, historicamente existam registros datados do final do século XVI, quando as viagens com teor educativo, denominadas de Grand Tours, estivessem em ascensão significativamente no continente europeu.

Se o turismo corresponde a toda viagem que pela sua natureza satisfaz necessidades diversas contidas nas trocas de saberes, então, o turismo pedagógico tem papel fundamental na construção da consciência cidadã, ou seja: “As atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais que valorizam e promovem os bens materiais e a imaterialidade da cultura”, compõem e valorizam o cidadão (Brasil, 2008, p.16). Estes são elementos inerentes à preservação e valorização dos patrimônios materiais e imateriais, de diferentes sociedades.

O turismo pedagógico ganha destaque no Ministério do Turismo como uma segmentação do turismo cultural cujo principal objetivo é aprofundar o conhecimento teórico vivenciado em sala de aula através de experiências práticas como por exemplo os roteiros de visitas estruturados pedagogicamente.

Durante a maior parte do séc. XX, e de acordo com Richards (2009), a cultura e o turismo foram vistos como aspectos distintos dos destinos. Por um lado, os recursos culturais eram percebidos como parte do patrimônio cultural dos destinos onde estavam relacionados com a educação da população local e a identidade cultural. Por outro, o turismo era visto como uma atividade de lazer separada da vida cotidiana e da cultura da população local (Marujo, 2014, s.p.).

Portanto, a relação entre turismo pedagógico e turismo cultural é comentada pelo Ministério de Turismo, como um dos aspectos fundamentais para compreender as vivências e motivações dos indivíduos quando os praticam. Esses aspectos demonstram que o turismo pedagógico, propicia vivência ao visitante/turista que busca compreender o local visitado e obter conhecimento através da vivência com o ambiente, sendo este motivado a entender a história e a cultura local. O turista/visitante aprende através de experiências cujas metas da viagem o colocam diante do objeto de visitação (Brasil, 2008, p.17).

Como enfatiza o Ministério do Turismo (2010, p. 15) acerca do turismo pedagógico, este consiste na “movimentação turística gerada por atividades e programas de aprendizagem e vivências para fins de qualificação, ampliação de conhecimento e de desenvolvimento pessoal [...]”. A relevância do turismo pedagógico decorre da prática que transcende os muros institucionais ao possibilitar a vivência dos estudantes baseada nos conteúdos trabalhados em sala de aula, colocando-os diante de fatos históricos, do contato com o meio ambiente e do

patrimônio cultural em visitas aos museus, praças e complexos históricos. Logo, o turismo pedagógico é uma modalidade prática de ensino que valoriza e coopera com o processo de aprendizagem, recorrente nas instituições de ensino em suas atividades educativas (Andiolo e Faustino, 1999).

Para Beni (1998, p. 78), "[...] o turismo escolar ou turismo educacional, enseja o contato entre os estudantes; amadurece e amplia os olhares; influencia na maneira de pensar, agir e sentir” do estudante. Nesta perspectiva, o Turismo Pedagógico se destaca como uma prática inovadora, proporcionando aos estudantes a oportunidade de explorar e se conectar com o meio ambiente, e possibilita aos educadores atuarem de maneira multidisciplinar, além de propiciar vivência, convivência, autonomia, respeito e lazer (Ansarah, 2005, Gomes, 2012).

Dessa forma, o turismo pedagógico traduz a oportunidade de explorar a relação homem-espaço, em vertentes diversas, como espaço geográfico, físico, biológico, ecológico e social, sempre com o objetivo de proporcionar novos conhecimentos teórico-práticos adquiridos no cotidiano dos espaços formais de educação focados nos fatos da vida real. Logo, é um forte instrumento para alcançar as metas da educação, em todas as suas etapas, que é preparar o cidadão para vida, e entregá-lo à sociedade, permitindo o contato com o outro, expandindo e melhorando a sua visão de mundo, formando um indivíduo com uma visão holística do mundo que o cerca.

Portanto, o segmento turístico pedagógico como alternativa capaz de contribuir com o aprendizado escolar, proporciona interação entre o sujeito/sujeito e sujeito/meio, por intermédio da vivência, colaborando para a aprendizagem e socialização dos diferentes. Assim sendo, faz-se mister que as aulas-passeios sejam planejadas de forma a adequar a interação entre estudantes, professores e a sociedade em geral.

2.3 MUSEU AMAZÔNICO E ROTEIROS DE VISITAÇÃO COM CRIANÇAS

O título acima ganha contorno de aprendizagem destacado na Constituição de 1998, cuja implementação foi a reconquista da cidadania sem medo, “todos são iguais perante a lei” e o turismo pedagógico como provedor de aprendizagem assume uma parcela significativa ao compor a deiscência. Sob esta perspectiva, Morais, Rodrigues e Pena (2016) levantam a seguinte questão:

Você já imaginou o turismo sendo utilizado no processo educacional? As viagens, excursões e oficinas devem ser utilizadas para auxiliar no ensino, pois através delas é possível aprender na prática, o que deixa o ensino mais interessante e prazeroso para o aluno [...] há uma ampliação dos espaços escolares, explorando os muros da escola para a construção do conhecimento (p. 82).

Há uma parcela significativa do turismo contida na comercialização mais ampla, quando o visitante de outras localidades, sem levar em conta as relações construídas involuntariamente com a cultura, a geografia do lugar, a história e o meio ambiente, saberes que são assimilados pelo contato proporcionado pela visita. Embora "exista involuntariamente como produto das inter-relações a aquisição da cultura e a percepção de mundo" (Morais, Rodrigues e Pena, 2016).

No processo socioeducativo que envolve a cultura, a arte e a história existe uma estreita relação com o turismo e a educação. Indo além, a interdisciplinaridade abrange estas e outras categorias tais como: espaço e tempo como divisor de grandes mudanças. O turismo apropria-se da educação no sentido estrito, isto é, no sentido específico, servindo como uma prática passível de ser aplicada em áreas mais diversas pelo fato do turismo ser uma atividade de constante aprendizagem.

Nesse sentido, os estudantes têm a oportunidade de saírem da sala de aula e ampliarem seus conhecimentos mediante a visita aos locais conhecidos somente em livros ou outros meios de comunicação e divulgação. É com caráter interdisciplinar que o Turismo Pedagógico atua, e assim apontando e comprovando que a teoria e prática devem andar sempre juntas. [...]. É importante atender que já se vive uma nova realidade, não muito difícil de ser percebida quanto às propostas pedagógicas e um exemplo disso é a internet (mundo digital) que se faz presente e colabora com o ensino (Oliveira; Moreira; Perinotto, 2014, s.p).

A prática pode ser entendida como um saber que constrói e (re) constrói identidades. Essa modalidade de fazer turismo contribui para a globalização do mundo em que vivemos e, semelhantemente, intensifica o contato intercultural colaborando, portanto, com a valorização das diferenças culturais e a diversidade. Esses fatores geram oportunidades para a paz, respeito mútuo entre as sociedades de diferentes culturas (Brunt e Country, 1999).

O turismo como processo de aprendizagem está em posição privilegiada no espaço cultural, promove o saber local e aponta diferentes destinos turísticos. Richards e Wilson (2007), destacam evoluções e criações de temas e rotas de turismo, das correntes de novos interesses e comportamentos dos turistas e visitantes, adultos e crianças. Para as crianças são diferentes práticas de motivações analógicas e digitais, próprias do século XXI.

Englobando as práticas do ensino-aprendizagem explorado por pelos autores Beni (2002); Gomes et al (2012), através do turismo pedagógico ou educacional, os processos são explanados como metodologia diferenciada. Na perspectiva dos autores supracitados, é necessário que a ferramenta educativa esteja prevista no currículo escolar e que os educadores

recebam formação e orientação sobre as estratégias de ensino. Por meio do turismo pedagógico, as instituições de ensino podem proporcionar aos estudantes a prática do conteúdo apresentado em sala de aula; em teoria, esse tipo de experiência é visto como um catalisador eficaz da aprendizagem, enriquecendo o currículo escolar no Brasil através do turismo.

O sistema que define e regulariza o sistema de educação brasileira é a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 20 de dezembro de 1996, LDBEN 9.394/96, com base nos princípios presentes na Constituição. A LDB é um documento que apresenta o delineamento geral que enseja alcançar no âmbito da educação e seus níveis. Em relação aos artigos da LDB, que fazem ligação com o turismo, destacamos o 26º, que corresponde aos níveis de educação formal, de acordo com a Base Nacional Comum Curricular: "Os currículos do Ensino Fundamental e Médio devem ter uma base nacional comum a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade [...]".

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) elaborados pelo Ministério Educação Brasil (2001), para trabalhar os "temas transversais" reiteram a necessidade de regionalizar certos conteúdos. Acerca disso, Fonseca Filho (2007) é incisivo ao sugerir a importância e o estabelecimento dos conteúdos a serem abordados na Educação Básica, pois a maioria dos currículos no Brasil não atendem às expectativas dos estudantes no que concerne aos conteúdos dos temas transversais.

As instituições públicas e/ou privadas que planejam e aplicam estratégias que promovem uma aprendizagem mais significativa, são aquelas que diversificam os métodos de ensino transpondo os espaços da sala de aula, conduzindo suas turmas para visitas que consolidem os conteúdos como breves passeios estruturados que despertem o interesse e a disposição dos estudantes em aprender os tópicos através da imersão com o meio, tornando a aprendizagem menos maçante.

Tendo em vista o objetivo de buscar atrair os estudantes para os assuntos debatidos em espaço de educação formal, o turismo pedagógico pode ser um instrumento a mais no processo de ensino-aprendizagem de forma a torná-lo mais amplo e dinâmico e também por sua contribuição para o processo indispensável de sensibilização de uma população sobre a preservação do patrimônio local.

Portanto, este segmento do turismo apresenta um parâmetro metodológico de aprendizagem relevante, além de contribuir como suporte para os educadores diversificarem suas aulas, elaborando roteiros de visitas organizados segundo os assuntos trabalhados no

ambiente escolar em conjunto com as necessidades dos estudantes, evitando dessa forma a evasão e, melhorando a aprendizagem sendo flexível diante da realidade de cada escola.

2.3.1 Aprendizagem no Museu

O tema turismo e educação nos remete a ideia de visita a museus e a influência destes nos processos pedagógicos, pois possibilitam aos interessados, em especial às crianças, uma aprendizagem mais eficiente sobre conservação de objetos, documentos e obras relacionados as diferentes áreas das ciências, como interatividade nos casos onde isso é possível. A eficiência dos processos pedagógicos que ocorrem dentro desses espaços é vista com bons olhos por diferentes pedagogos (as) da atualidade, pelo fato de favorecer sobremaneira o conhecimento oriundo das relações sociais e do contato com a arte e a cultura como algo divertido.

Esta subárea, turismo e educação ainda em crescimento, atende diversas áreas da ciência incorporando ideias e saberes diferentes que se conectam e se entrecruzam. Trigo (1993, p.35) afirma: “o turismo vem tornando-se um dos meios de comunicar ideias e atitudes diferentes. Na medida em que pessoas viajam e fazem contato com outras, quebram-se preconceitos e pensamentos cristalizados de seu grupo social”.

Trigo (1993) complementa: “o ensino atual deve assegurar não somente a produção das competências, mas também seu progresso, seria necessário que a transmissão do saber não se restringisse apenas às informações” (p. 33), ou seja, a educação não deve apenas limitar-se a conteúdos básicos e sim, desenvolver habilidades nos estudantes, como: pensamento crítico, resolução de problemas e aplicações práticas do conhecimento teórico. O turismo pedagógico serve como ferramenta educativa capaz de ampliar os horizontes dos estudantes quanto aos temas abordados em sala de aula ao levar a escola aos espaços não formais de educação, dentre eles, os museus, visto que o processo ensino-aprendizagem ocorre em diferentes espaços.

Definir museu concordando com Silva e Fonseca (2007), nos remete a etimologia da palavra que deriva de “musa” (na mitologia greco-latina, uma divindade inspiradora) referindo-se ao espaço onde se constrói saberes e se preserva artefatos materiais e imateriais que são expostos como fontes de inspiração, memória e incentivo para as novas gerações, o que dá relevo ao turismo pedagógico. A partir do período renascentista o museu ressurgiu com foco no antropocentrismo; realismo e o racionalismo com o surgimento de técnicas avançadas.

Em 2022 o ICOM (*International Council of Museums*) o define como:

... uma instituição permanente, sem fins lucrativos e ao serviço da sociedade que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial. Abertos ao público, acessíveis e inclusivos, os museus fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Com a participação das comunidades, os museus funcionam e comunicam de forma ética e profissional, proporcionando experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimentos (ICOM, 2022, s.p.).

Na contemporaneidade, observa-se o crescente surgimento de museus como novos espaços não formais de educação e aprendizagem. Segundo Marandino:

Qualquer atividade organizada fora do sistema formal de educação, operando separadamente ou como parte de uma atividade mais ampla, que pretende servir a clientes previamente identificados como aprendizes e que possui objetivos de aprendizagem, nota-se o laço entre os espaços não formais, educação e museus (Marandino, 2008, p. 13).

Conforme Stuart (2007) *apud* Gohn (2008), os museus proporcionam a construção de aprendizagens sendo “um processo de mudança conceitual”, nesse sentido tem-se a definição de espaços não formais de educação: "A educação não formal pode ser definida como a que proporciona a aprendizagem de conteúdos da escolarização formal em espaços como museus, centros de ciências, ou qualquer outro em que as atividades sejam desenvolvidas de forma bem direcionada [...]" (Gohn 2008, p. 98).

Gohn (2008), em seus estudos defende a ideia de que a educação não formal proporciona a aprendizagem de temas da escolarização formal em espaços múltiplos de ensino. Já a educação formal é aquela educação que ocorre nos espaços formais como escolas e universidades. Deve-se ressaltar que atividades educativas em espaços não formais de educação, como os museus, devem ocorrer de forma estruturadas e intencionais, sendo necessário a existência de um roteiro preparado exclusivamente para essa atividade. Corroborando com esse conceito, Pirozzi ao declarar que:

a educação não formal destaca os processos educativos que têm uma intencionalidade na ação, pois prevê troca de conhecimento, envolve um processo interativo de ensino e aprendizagem e corrobora com a construção de aprendizagens de saberes coletivos, que, por sua vez, não têm a formalidade do ensino regular (Pirozzi, 2014, p. 36).

Faz-se mister ressaltar que as instituições museológicas possuem um caráter educacional desde sua gênese, pois desde o início foram caracterizadas como espaços de pesquisa e ensino, por isso, quando os professores buscam os espaços museais, eles almejam encontrar um lugar alternativo para a aprendizagem dos estudantes através de atividades lúdicas, múltiplas aprendizagens e equipe interdisciplinares composta pedagogos, professores de várias disciplinas, turismólogos entre outros, pois o professor não é o único participante do processo educativo (Araújo; Brandão, 2006 *apud* Silva; Perrude, 2013). Ao oferecer acesso a novas informações, ao uso de tecnologia e a geração de conhecimentos, os museus e centros culturais são instrumentos que favorecem o aprendizado.

Ademais, Smaniotto (2016) nos traz importante reflexão acerca da utilização da instituição-museu como espaço de ensino-aprendizagem. O autor declara o museu como espaço ideal para o desenvolvimento de processos, sendo eles, locais de observação, interação e reflexão. Dessa forma, os museus como espaço não formal podem ser trabalhados como espaço de discussão de ideias, espaço de aprendizagem e não somente lugar lúdico, de contemplação ou lugar onde se acumula coisas velhas.

3 METODOLOGIA

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

A metodologia é um caminho teórico que busca explorar, compreender e avaliar os diversos métodos disponíveis para realizar uma pesquisa acadêmica (Prodanov e Freitas, 2013). É por meio desses métodos que o pesquisador pode conduzir o trabalho proposto, adicionando os métodos e as técnicas mais exequíveis para responder a questão problema.

Para o desenvolvimento deste trabalho, utilizou-se o método dedutivo, em que segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 14), “sugere uma análise de problemas do geral para o particular através de uma cadeia de raciocínio decrescente”.

Quanto ao objetivo da pesquisa, classifica-se como exploratória-descritiva, pois visa proporcionar maior familiaridade com o problema, tornando-o explícito, a partir do contato entre o pesquisador e campo, ou reúne fatos e fenômenos que são verificáveis nessa relação campo/sujeito (Minayo, 2009).

Quanto aos procedimentos técnicos, bibliográfico-documental, elaborada a partir de material já publicado como livros, revistas, publicações e artigos científicos, dentre outros materiais bibliográficos, com objetivo de conectar o pesquisador com o assunto da pesquisa, bem como, fontes que não receberam qualquer tratamento analítico ou documentos que já foram analisados, a exemplo, ao utilizar documentos oficiais, tais como leis, aplica-se a técnica documental à pesquisa. (Gil, 2008 *apud* Prodanov e Freitas, 2013).

A abordagem do objeto segundo Minayo (2009, p. 21) traz características de uma pesquisa qualitativa, pois a “pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isso é um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzida em números. O ambiente

natural é a fonte “ideal” para a coleta de dados e o pesquisador é o instrumento chave. Sendo de natureza básica a pesquisa, busca gerar conhecimentos úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática (Prodanov e Freitas, 2013).

De acordo com Minayo (2009, p. 61-63), o trabalho de campo desempenha um papel crucial ao permitir que o pesquisador se aproxime diretamente da realidade investigada e interaja com os sujeitos envolvidos. O contato com a Coordenadora e o Bibliotecário do Museu Amazônico-UFAM, através de entrevista semiestruturada, foi fundamental para visualizar o objeto de estudo. Ao todo, foram 20 questões entre abertas e fechadas, aplicadas aos funcionários responsáveis com o roteiro de visita ao museu.

3.2 CAMPO COMO APORTE DA INVESTIGAÇÃO

O campo de pesquisa faz alusão ao ato de pesquisar e traz em si a necessidade do diálogo entre pesquisador e sujeitos sociais, os quais estabelecem uma conversação dotada de críticas involuntárias e momentos criativos repletos de significados. É do campo que brotam as ricas informações que colidem com objeto a ser pesquisado na tentativa de conhecer os fenômenos constituintes dessa realidade, devido a sua complexidade e dinamicidade dialética.

Neste caso, referimo-nos ao Museu Amazônico, órgão público suplementar da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) atuante no apoio à pesquisa, ao ensino e à extensão em áreas fundamentais para o conhecimento da Amazônia e de suas culturas através de exposições e variadas atividades educativo-culturais. A Instituição foi criada em 1975, implementada em 1989 e inaugurada em 1991.

A instituição museal está localizada no Centro da cidade de Manaus, na Avenida Ramos Ferreira, No 1036 - Manaus-AM, 69010-120. O museu ocupa um prédio nas cercanias do Centro Histórico, sua edificação não é tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN). Além de sua instalação principal, o museu possui um prédio anexo no mesmo endereço, pois necessitava de espaço para salvaguardar adequadamente as coleções que abriga. Nele se encontra também a Biblioteca Setorial do Museu Amazônico – BSMA, que faz parte do Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Amazonas – SISTEBIB/UFAM.

O museu tem como diretor o Prof. Dr. Dysson Teles Alves, pesquisador em História indígena da Amazônia dos séculos XVII e XVIII, e formação social da Amazônia em particular

na região do Rio Negro. Autor de artigos que transcrevem a história do Amazonas, entre eles: Os desafios dos museus no Amazonas e Tradição e Modernidade nos Museus. 2019.

4 SISTEMATIZAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Após a coleta de dados realizada através de entrevista semiestruturada, contendo vinte (20) perguntas entre abertas e fechadas e dividido em 4 seções, respondidas pela pedagoga nomeada pela sigla DC e o assistente administrativo nomeado pela sigla SRS. As nominatas cumprem o Código de Ética para manter no anonimato dos sujeitos que atuam na Coordenação e na Biblioteca Setorial do Museu Amazônico.

Na tabulação dos dados, retomamos os objetivos para então analisá-los. Foi necessário grifar as informações relevantes, por meio da transcrição da entrevista a ele(s) aplicada.

Na primeira seção o(a) entrevistado(a) descreveu suas funções e tempo de serviço no local, conforme tabela a seguir:

Seção 1: Informações Gerais
1. Nome do Respondente: DC SRS
2. Cargo/Função: Pedagoga Assistente administrativo
3. Tempo de Trabalho no Museu Amazônico: 16 anos 6 anos

Seção 2: Perguntas relacionadas ao Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI).
4. O Museu Amazônico possui um Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) formalmente documentado? - () Sim - () Não
5. Se sim, desde quando o PDI está em vigor? - () Menos de 1 ano - () 1-3 anos - () 3-5 anos - () Mais de 5 anos
6. Quais são os principais objetivos do PDI relacionados à educação infantil? - [Espaço para resposta aberta]
7. Como o PDI do Museu Amazônico aborda o turismo pedagógico para crianças do ensino fundamental? - [Espaço para resposta aberta]
8. Quais estratégias o PDI inclui para promover a aprendizagem entre crianças na terceira infância durante visitas ao museu? - [Espaço para resposta aberta]

As leituras associadas à fala da pedagoga com relação ao conteúdo do Plano Museológico do Museu Amazônico (PDI), disponível no endereço eletrônico oficial da

Universidade Federal do Amazonas - UFAM, foi questionado pela entrevistada. O documento está em vigor há três anos e não deixa claro as metas a alcançar, ressalta apenas a necessidade de “definir sua identidade institucional, suas atividades e seus projetos, considerando a maneira que o museu vê na sociedade e os caminhos a percorrer” (PDI, 2021). (Ver questão 4 e 5).

Quando questionados a respeito dos objetivos do PDI e a relação com a formação cultural das crianças da educação infantil e a relação com as visitas sob a perspectiva do turismo pedagógico para crianças do ensino fundamental (ver pergunta 6 e 7 da tabela 1, Seção 1), os entrevistados expõem a ausência da especificidade “turismo pedagógico” ou “educação para crianças” no documento.

Resposta de DC a questão 6 e 7: “Não há uma parte específica para educação infantil no Plano Museológico e sim, a educação como um todo pois recebemos crianças a partir de 1 ano, até alunos universitários.”

Sobre a questão número 8, novamente tem-se um impasse quanto as respostas que respondam positivamente os objetivos. De igual modo, a pedagoga responsável pelo departamento Divisão de Difusão Cultural reitera a falta de estratégias próprias atender o ensino final da terceira infância previsto no PDI.

Seção 3: Roteiro Turístico para Crianças do Ensino Fundamental

9. Quantas turmas de estudantes de escola o Museu Amazônico costuma receber durante o ano letivo?
10. Existe um roteiro de visita específico no Museu Amazônico voltado para crianças do ensino fundamental?
 - () Sim
 - () Não
11. Se sim, como é estruturado esse roteiro?
 - [Espaço para resposta aberta]
12. Quais são os principais temas ou áreas abordadas no roteiro para crianças?
 - [Espaço para resposta aberta]
13. Quais atividades interativas são incluídas no roteiro para engajar as crianças?
 - [Espaço para resposta aberta]
14. Há materiais educativos (ex: guias, folhetos, atividades) específicos para crianças do ensino fundamental?
 - () Sim
 - () Não
15. Se sim, quais tipos de materiais são fornecidos?
 - [Espaço para resposta aberta]
16. Como é avaliada a eficácia do roteiro turístico para crianças? Existem métricas ou feedbacks coletados?
 - [Espaço para resposta aberta]

A seção 3 da entrevista diz respeito aos roteiros de visitas ao MA. As perguntas de 9 a 16 foram estruturadas com o propósito de conhecer o roteiro de visita do Museu Amazônico e sua proposta metodológica quando aplicado à crianças do ensino fundamental.

Quanto à questão 9 - Não foi possível ter acesso ao número real de escolas que o MA recebe por ano em suas instalações devido a inúmeros obstáculos burocráticos. Entretanto, declarou a coordenadora do museu que a visitação é intensa com registro em um livro cujos dados são contabilizados, entretanto a mesma não tinha como apresentar naquele momento.

Na pergunta 10, ficou evidente que a ausência de objetivos mais claros prejudicou os dados visto que não houve uma explicação condicente acerca da existência de um roteiro, entretanto, garante a DC e SRS que há uma assertiva que se usa quando ocorrem visitas, sobretudo com crianças que adentram o MA, contudo o SRS se desdobra utilizando metodologias diferenciadas como estratégia de roteiro preparada para atender as mesmas.

No que tange às respostas das perguntas 12 a 16, em diálogos com os dois entrevistados, encontramos pontos em comum quanto às metodologia diferenciada para “engajar as crianças”. DC em sua resposta apresenta que “às vezes as escolas solicitam que seja desenvolvido uma atividade específica com as crianças; sobre algum tema estudado em sala de aula”. Nessa questão, DC citou o caso da professora cujo alunos estavam aprendendo tangram³, e fez-se necessário o apoio de uma equipe multidisciplinar (Ver questão 12).

Retomando o diálogo sobre metodologias diferenciadas, ao serem questionados acerca das atividades interativas e materiais educativos (questões 13 a 15), DC destaca que há “muita coisa para crianças” e completa a resposta exemplificando ações realizadas para o público do tipo “contação de histórias; brincadeiras em grupo; jogos da memória Amazônico”, etc.

Complementando a resposta a despeito da proposta de atividades e materiais utilizados, SRS explica que, em momentos onde o calendário de eventos da instituição converge, por exemplo em datas comemorativas com o dia das crianças, “o museu e a biblioteca setorial trabalham juntos para atender aos estudantes”. “As crianças primeiro fazem o roteiro do Museu e depois visitam a biblioteca. Lá acontecem saraus, há exposição de filmes, contação de histórias com personagens famosos para as crianças e entregamos folhetos e guias sobre a cultura Amazônica, natureza, flora e fauna e outros”. Essa é a proposta do corpo técnico quanto às metodologias aplicadas às crianças da terceira infância (de 8 a 11 anos).

Seção 4: Avaliação Geral e Feedback

³ Para o professor Rafael C. Asth, responsável pelo Ensino da Matemática e da Física e Estatística na FAPERJ, onde atua desde 2006. O tangram é um quebra-cabeça chinês composto de sete peças com formas geométricas distintas. Cabe ao jogador combinar as peças e criar figuras. O jogo é uma forma de exercitar o raciocínio lógico e a criatividade como forma de criar mais de 5000 figuras possíveis. As peças que compõem o jogo são: triângulos grandes; triângulo médio; triângulos pequenos; quadrado, paralelogramo, entre outros.

17. Na sua opinião, quais são os maiores desafios na implementação do PDI relacionado à educação infantil no Museu Amazônico?
- () [Espaço para resposta aberta]
18. Como o museu colabora com escolas e professores para desenvolver e aprimorar os roteiros de visitas com crianças?
- () [Espaço para resposta aberta]
19. Que sugestões você daria para melhorar a experiência educativa das crianças durante as visitas ao museu?
- () [Espaço para resposta aberta]

No tocante à seção 4, a Avaliação Geral e Feedback, foi requerida de DC sobre a os desafios e colaboração entre escola e museus e ainda sugestões para a melhor experiência.

Quanto aos desafios (pergunta 17), disse: “às vezes a escola tem o receio de tirar as crianças do colégio, da sala de aula, então é preciso preparar uma atividade que as crianças gostem e os professores adiram”. Para a questão 18 partimos da perspectiva de necessidades que o roteiro teria para ser funcional quanto ao processo ensino-aprendizagem da criança; por isso, a pedagoga, junto ao departamento de Difusão Cultural, sugere para melhorar a experiência educativa e conseqüentemente o roteiro aplicado às criança: “conversar com as próprias crianças e saber o que elas gostariam de ver no Museu, que curiosidades elas teriam. [...] e a demanda das crianças nos organizamos para fazer a atividade”.

Além disso, para exemplificar a contribuição da visita museal com as crianças, à pedagoga cita uma atividade realizada pelos estudantes após a visita pela turma ao museu em um período de seis meses: “foi realizada uma atividade em sala de aula, em que os estudantes precisavam desenhar um museu que elas haviam visitado e qual assunto elas mais gostaram de ver no Museu”. A entrevistada relatou que teve acesso às atividades e ficou “maravilhada” em saber que os estudantes ainda se lembravam das atividades realizadas no espaço museal mesmo após meses.

A entrevistada termina sua fala explicando que o museu deve organizar-se para ir à escola, fazer uma atividade e catalogar os dados e repassar a direção do museu para verificar a possibilidade de providenciar atividades a serem utilizadas mais especificamente pela crianças. Outro ponto que foi cogitado diz respeito ao investimento em objetos temáticos e equipamentos tecnológicos que atendas as faixas etárias, fazendo com que gere curiosidade e identificação com o público e melhore sua experiência na instituição museal.

Dessa forma, considerando as falas dos entrevistados, podemos concluir que há sempre interesse por parte da equipe do museu de trabalhar um plano pedagógico que atenda essas

demandas e consolide a ideia de roteiro de visita em parceria entre o Museu Amazônico e as escolas da Educação Básica.

Portanto, a tese levantada inicialmente nesta pesquisa, sobre a existência de roteiros de visitas para atender crianças entre sete e onze anos, existe informalmente o que refutamos como uma necessidade emergente, pois se consideramos o turismo pedagógico como um ramo da educação museal, conseqüentemente o museu é de fato um espaço de discussão e aprendizado, independente de idade. Portanto, na fase inicial esta pesquisa antevia a existência de um roteiro de visita formal entretanto, no decorrer das atividades, após a análise de dados observamos a necessidade de utilizar metodologias que abracem a aprendizagem das crianças em espaços não formais de educação, por meio de atividades lúdicas, contação de histórias, brincadeiras relacionais próprias para as determinadas faixas etárias, como ocorre no processo de ensino e aprendizagem com crianças quando, ao mesmo tempo se transmite saberes da cultura local, envolvendo as culturas povos indígenas, peças de obras de artes, o acervo patrimonial, entre outros que se encontram nos acervos do Museu Amazônica.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão que ensejou esta pesquisa está fundamentada nos princípios do turismo pedagógico enquanto método de aprendizagem que utiliza como um dos exemplos de prática roteiros de visitas em museus, antevíamos encontrar um PDI que nos direcionasse a questão que seria discutida. O turismo pedagógico traz em sua tecitura alternativas para trabalhar a educação museal com intencionalidade indissociável da educação formal disponíveis nas instituições museológicas cujo caráter é educativo desde a sua formação, sendo corroborado pelo novo Estatuto de Museus, reelaborado em 14 de janeiro de 2009.

Visto como local de ensino e pesquisa, cuja visão cresceu significativamente na contemporaneidade com este pensamento, o museu dialoga com o turismo pedagógico considerando-o ferramenta de ensino-aprendizagem propício para alcançar crianças de sete a onze anos.

O arcabouço teórico destaca a importância dos espaços dos museus como espaço onde ocorre o processo do ensino-aprendizagem, entretanto para consolidar e tornar os museus eficiente, faz-se necessário uma aproximação com as instituições de ensino e a aplicação de metodologias para os diferentes públicos, procurando também oferecer experiência aos visitantes de qualquer faixa etária.

Focada em responder os objetivos propostos a pesquisa considerou o diálogo com os sujeitos, DS e SRS, imprescindível pois cada fala analisada sobre a existência de roteiros de visitas para estudantes de sete a doze anos, foi necessária para compreender a questão. Das falas vindas do campo assinalamos algumas falhas no PDI do Museu Amazônico a começar pela falta de disponibilização de um programa de roteiros definido para atender criança de determinadas faixas etárias. Entretanto concordamos com os entrevistados quando afirmam que, embora não tenha formalmente um roteiro, há sempre alguém para mediar as visitas e possibilitar a caminhada das crianças nos espaços destinados a visitação.

Das atividades que poderão atender as crianças, disse-nos os entrevistados, seria a de capacitar guias com atividades voltadas para crianças e que fosse assegurado no PDI, além de experiência correspondentes as faixas etárias das crianças visitantes e, sobretudo o diálogo entre museu e escola. Há da parte da coordenadora o compromisso de reestruturar as metas e objetivos do museu para atender a todas as faixa etária e, no caso em foco ouvir o desejo e as necessidades das crianças e atender as suas expectativas.

À luz dos fatos encontrados nas respostas às questões levantadas pela pesquisadora na entrevista com o corpo técnico do Museu Amazônico-UFAM, reiteramos que a aplicabilidade de metodologias diferenciadas através de matérias diversos, brincadeiras, jogos e contação de histórias, enriqueceriam a experiência educativa dos estudantes da terceira infância enquanto visitariam o Museu Amazônico, criando memórias afetivas com a cultura local, além de outros temas transversais explorados no roteiro durante a visitação.

Há potencial no Museu Amazônico capaz de aproximar as crianças das práticas educacionais, o que nos levar a pensar que é necessário firmar o diálogo entre o museu e o corpo docente e discente tendo como base o currículo escolar e o apoio do museu, e assim haveria um reforço na aprendizagem tanto no espaço forma quanto não formal de ensino.

Por fim Heidegger considera que há pressupostos errôneos nas ciências contidas e nas falas dos sujeitos e não examinados subjacentes a qualquer concepção, procuram mostrar que a relação cognitiva entre sujeito e sujeito é apenas uma abstração que mascara a interação do ser humano com o que o cerca.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Lillian Maria de Mesquita; NETO, Jaime José da Silveira. **Projetos Interdisciplinares Em Cursos De Turismo De Nível Superior: Um Relato De Experiência. IV Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade.** Instituto Federal de Sergipe (IFS), Aracaju: 2007. Disponível: chrome-

extension://efaidnbmnnnibpcajpcgglefindmkaj/https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/10208/34/33.pdf. Acesso: 02/07/2024.

ANDRIOLO, Arley; FAUSTINO, Evandro. **EDUCAÇÃO, TURISMO E CULTURA: A experiência de estudantes paulistas em Urucanga.** In: RODRIGUES, Adyr Balastrieri (org.). Turismo: Desenvolvimento Local. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

ANSARAH, Marília Gomes dos Reis (org). **TURISMO E SEGMENTAÇÃO DE MERCADO: Novos segmentos.** In: TRIGO Luiz Gonzaga Godoi (org.). Análises Regionais e Globais do Turismo Brasileiro. São Paulo: Roca, 2005.

COUTINHO, Ana Catarina Alves & MELO, Maria Augusta Wanderley Seabra de. Revista de **Turismo Contemporâneo (RTC)**, Natal, v. 4, edição especial, p. 135-156, abr. 2016. 138) (com adaptações). Acesso em: 09/05/2024.

Araújo, Helena Maria Marques. **MEMÓRIA E PRODUÇÃO DE SABERES EM ESPAÇOS EDUCATIVOS NÃO-FORMAIS.** In: <http://www.rj.anpuh.org/Anais/2006/conferencias/Helena%20Maria%20Marques%20Araujo.pdf>. Acesso em: 06/07/2024.

BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do turismo.** 2 ed. São Paulo: Senac, 1998 e 7 ed. São Paulo: Senac, 2002.

BRASIL. **Turismo cultural: orientações básicas.** Brasília: Ministério do Turismo, 2008. Acesso em: 23/06/2024.

BRASIL, Ministério do Turismo. **Turismo de Estudos e Intercâmbio: orientações básicas.** Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo. Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral de Segmentação. 2. ed. – Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais.** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2001. 436 p.

BRANDÃO, Indira Toscano; ALDRIGUE, Natália de Souza. **TURISMO E EDUCACAO: dois alicerces indispensáveis.** In: Revista Eletrônica- Global Tourism- Turismo e Educação, 2005. Disponível em: <<http://www.periodicodeturismo.com.br>> Acessado em: 19/06/2024.

FONSECA FILHO, A. S. **Educação e Turismo: Reflexões para Elaboração de uma Educação Turística.** Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo v. 1, n.1, p. 5-33, set. 2007. Disponível em: <<http://revistas.univerciencia.org/turismo/index.php/rbtur/article/view/77/124>>. Acesso em: 19/06/2024.

GOHN, Maria da Gloria. **Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos.** São Paulo: Cortez, 2010. Acesso em: 07/07/2024.

GOMES, D. S.; MOTA, K. M. PERINOTTO, A. R. C. **Turismo pedagógico como ferramenta de educação patrimonial: a visão dos professores de História em um colégio estadual de Parnaíba.** Turismo & Sociedade, Curitiba, v. 5, n.1, p. 82-103, abr. 2012. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/turismo/article/viewFile/25326/17713>>. Acesso em: 01/06/2024.

LOPES, Sérgio Dominique Ferreira; MAIA, Sancha Catarina Frazão; BOUBETA, Antônio Rial. **Segmentação de mercado com base nas preferências dos turistas: uma aproximação multivariada.** Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo. v.4, n.2, p.49-63, ago.2010. Disponível: [chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/file://Users/soc/Downloads/265-Texto%20do%20artigo-421-745-10-20101104%20\(3\).pdf](chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/file://Users/soc/Downloads/265-Texto%20do%20artigo-421-745-10-20101104%20(3).pdf). Acesso: 02/07/2024.

MARANDINO, M. (Org.). **Educação em museus: a mediação em foco.** Sao Paulo: Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Nao-formal e Divulgação em Ciências. 2008. Disponível: <http://parquecientec.usp.br/wp-content/uploads/2014/03/MediacaoemFoco.pdf>>. Acesso: 07/07/2024.

MARANDINO, Martha. **Transposição ou recontextualização? Sobre a produção de saberes na educação em museus de ciências.** Revista Brasileira de Educação. Universidade de São Paulo, USP, São Paulo: 2004. Disponível: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/https://www.scielo.br/j/rbedu/a/yqfBhHLYzs9CFcHdH9rCkmS/?format=pdf>. Acesso: 07/07/2024.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade.** RJ: Vozes, 2009.

MOESCH, Marutschka Martini. **A produção do saber turístico.** 2 ed. são Paulo: Contexto, 2002.

MARUJO, Noémi. **A Cultura, o Turismo e o Turista: Que relação?** Disponível: <https://www.eumed.net/rev/turydes/16/turista-cultural.html>. Acesso: 02/07/2024.

PIRROZI, Giani Peres. **Pedagogia em espaços não escolares: qual é o papel do pedagogo?** Revista Educare, 2014. Disponível em: <http://docplayer.com.br/403088-Pedagogia-em-espacos-nao-escolares-qual-e-o-papel-do-pedagogo-pedagogy-in-non-scholar-places-what-is-the-role-of-the-educator.html>. Acesso em: 07/07/2024.

PRODANOV, Cleber Cristiano . **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico] : métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico.** Cleber Cristiano Prodanov, Ernani Cesar de Freitas. - 2. ed. - Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Acesso em: 04/07/2024.

SILVA, Ana Lucia Ferreira da; PERRUDE, Marleide Rodrigues. **Atuação do pedagogo em espaços não-formais: algumas reflexões.** Prodociência, v. 4, julho 2013. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/prodocenciafope/pages/arquivos/Volume4/TEXTO%205%20-%20p.%2046%20a%2056.pdf>. Acesso em: 20/06/2024.

SMANIOTTO, E. **Museu: um espaço de aprendizagem: sobre mudanças tecnológicas ocorridas durante o século XX.** Disponível em: < <https://www2.faccat.br/portal/sites/>

default/files/MUSEU%20-%20UM%20 ESPAÇO %20DE%20APRENDIZAGEM.pdf>
Acesso em: 06/07/2024.

SOUZA, Augusto Aguiar de. **Guia de Visitação Histórico, Roteiro e Conhecimento.** (org.)
Weslei Augusto Aguiar de Sousa. Paracambi, Rio de Janeiro: 2017.

STUART, D. C. **Museus: emoção e aprendizagem.** 2007. Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/educacao/museus-emocao-e-aprendizagem>. Acesso em: 05/07/2023.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **Turismo e qualidade: tendências contemporâneas.** Campinas, São Paulo: Papirus, 1993. Acesso em: 07/07/2024.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

MORAES, Camila Maria dos Santos et al. **Turismo pedagógico.** V. Único. Rio de Janeiro: Cederj, 2016. www.icom.org.br. Acesso em: 06/07/2023.

PERINOTTO, A. R. C. **Turismo Pedagógico: uma ferramenta para educação ambiental.** In: Caderno Virtual de Turismo. v. 8, n. 1, 2008.

VINHA, Maria Lucia. **O Turismo Pedagógico e a Possibilidade de Ampliação de Olhares.** In: Horus - Revista Eletrônica de Humanidades e Ciências Sociais Aplicadas. Ourinhos, SP, n. 3, 2005. Disponível em: <<http://www.faes0.edu.br/horus>>. Acessado em: 28/04/2024.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus por me dar forças todos os dias para que possa alcançar meus sonhos.

Agradeço à todos que estiveram ao meu lado durante todos esses anos, e principalmente minha querida família, minha mamãe Francinete, meu papai Antônio, irmãs Dirleny "Jane" e Anny Rebeca, e meu irmão Joaquim. Também agradeço aos meus *pets*: Princesa (*in memorian*), Gudmila, Tigresa, Filhote Spock, Pandora, Bubble e Mel. Vocês moram no meu coração e eu sou muito feliz em fazer parte dessa família. Obrigada pela paciência e por me abraçarem quando eu chorava.

Agradeço também à todos os meus amigos, em especial a minha amiga Iara, por estar ao meu lado e me incentivar, em meio as dificuldades e tristezas, mesmo estando desanimada você não desistiu e eu estou muito orgulhosa de você e muito grata por ser sua amiga.

Agradeço grandemente a professora Dra. Maria do Perpétuo Socorro Nóbrega Ribeiro pela perfeita orientação desde trabalho, bem como no PAIC. De fato, nada seria possível sem a senhora, que ajudou-me a concatenar minhas ideias e torná-las realidades.

Ademais, agradeço à Escola Superior de Artes e Turismo - ESAT por toda a experiência acadêmica por meio dos Professoras desta instituição.